

A FORMAÇÃO DO PSICÓLOGO CLÍNICO FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL: CULTIVO DE UM MODO DE SER-NO-MUNDO

The Formation of the Phenomenological-Existential Clinical Psychologist: Cultivation of a Way of Being-in the-World

La Formación del Psicólogo Clínico Fenomenológico-Existencial: Cultivo de Un Modo de Ser-no-Mundo

La Formation du Psychologue Clinique Phénoménologique-Existentialiste : Cultivation d'un Mode d'Être-au-Monde

10.5020/23590777.rs.v23i1.e13080

Firmiana Correia Lima Guimarães

Psicóloga pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Mestra em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

Elza Dutra

Psicóloga. Professora Titular de Psicologia Clínica Fenomenológica e Líder do Grupo de Pesquisa Subjetividade e Desenvolvimento Humano – Universidade Federal do Rio Grande do Norte/Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (UFRN/CNPq – Brasil).

Ana Karina Silva Azevedo

Doutora em Psicologia (UFRN). Professora Associada do Departamento de Psicologia e Colaboradora do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGPSI/UFRN).

Resumo

Este artigo foi elaborado com base em pesquisa com o objetivo de compreender a experiência da formação dos psicólogos clínicos fenomenológico-existenciais. Refletimos acerca do que acontece, para além da teoria, nesse processo, que consideramos como o cultivo de um modo de ser, visto que aprender a agir fenomenologicamente é algo que só se dá na vivência e que a ação clínica requer um pensamento meditante e um modo de habitar sereno frente às requisições da era da técnica. Participaram da pesquisa quatro psicólogas com formação na área. A aproximação de suas experiências se deu pela narrativa, observando-se o seu caráter artesanal e dialógico. A compreensão se deu com base na ontologia heideggeriana e na proposição do círculo hermenêutico como inspiração para análise das narrativas, enfatizando o aspecto circular e não definitivo da compreensão.

Palavras-chave: formação do psicólogo; psicologia fenomenológico-existencial; modo-de-ser; pesquisa fenomenológica.

Abstract

This article was prepared based on research to understand the training experience of phenomenological-existential clinical psychologists. We reflect on what happens, beyond theory, in this process, which we consider as the cultivation of a way of being, since learning to act phenomenologically is something that only happens in experience and that clinical action requires meditative thinking and a serene way of living in the face of the requirements of the technical age. Four psychologists with training in the area participated in the research. The approximation of their experiences was through the narrative, observing their artisanal and dialogical character. The understanding was based

on the Heideggerian ontology and the proposition of the hermeneutic circle as inspiration for the analysis of the narratives, emphasizing the circular and non-definitive aspect of understanding.

Keywords: *psychologist training; phenomenological-existential psychology; way of being; phenomenological research.*

Resumen

Este artículo fue elaborado con base en investigación con el objetivo de comprender la experiencia de la formación de los psicólogos clínicos fenomenológico-existenciales. Reflexionamos acerca de lo que sucede, para allá de la teoría, en estos procesos, que consideramos como el cultivo de un manera de ser; ya que aprender a actuar fenomenológicamente es algo que solo ocurre en la experiencia de vida y que la acción clínica requiere un pensamiento reflexivo y un modo de habitar sereno ante las solicitudes de la era de la técnica. Participaron de la investigación cuatro psicólogas con formación en el área. El acercamiento de sus experiencias ocurrió con base en la ontología heideggeriana y en la proposición del círculo hermenéutico como inspiración para análisis de las narrativas, enfatizando el aspecto circular y no definitivo de la comprensión.

Palabras clave: *formación del psicólogo; psicología fenomenológico-existencial; modo-de-ser; investigación fenomenológica.*

Résumé

Cet article a été élaboré à partir de recherches dans le but de comprendre l'expérience de la formation des psychologues cliniciens phénoménologiques-existentialistes. Nous réfléchissons sur ce qui se produit, au-delà de la théorie, dans ce processus que nous considérons comme la cultivation d'un mode d'être, car apprendre à agir phénoménologiquement ne se fait que par l'expérience, et l'action clinique requiert une pensée méditative et un mode de vie serein face aux exigences de l'ère de la technique. Quatre psychologues ayant une formation dans le domaine ont participé à l'étude. Le rapprochement de ses expériences s'est fait à travers la narration, en observant son caractère artisanal et dialogique. La compréhension s'est établie sur la base de l'ontologie heideggerienne et de la proposition du cercle herméneutique comme source d'inspiration pour l'analyse des récits, en mettant l'accent sur l'aspect circulaire et non définitif de la compréhension.

Mots-clés : *formation du psychologue ; psychologie phénoménologique-existentialiste ; mode d'être ; recherche phénoménologique.*

Diante da diversidade de práticas e epistemologias da psicologia, escolher pautar a ação clínica na ontologia heideggeriana implica assumir um posicionamento diante da profissão, do mundo e de si mesmo, seguindo em uma direção diferente do que se considera como “tradicional” na disciplina, que vem de um legado cientificista desde o início da psicologia enquanto ciência independente. Para Figueiredo (2019), são dois os agrupamentos de matrizes de pensamento psicológico que representam os conjuntos culturais presentes no momento inaugural da psicologia enquanto saber científico. As matrizes cientificistas ultrapassam uma imitação do método das ciências naturais e se afirmam como disciplinas biológicas, deixando de lado a vida subjetiva e a singularidade humana. Em contrapartida, as matrizes românticas e pós-românticas enfatizam as vivências e seus significados para o sujeito, mas se afastam das disciplinas científicas e necessitam buscar sua legitimidade junto a outros campos de saber.

Entre as matrizes românticas e pós-românticas, se encontram as matrizes compreensivas, que têm em comum a problemática da expressão e a sua compreensão, mas que diferem em teorias e metodologias. A fenomenologia é uma dessas matrizes que surge na tentativa de superar o historicismo e o cientificismo adaptado dos estruturalistas. Esta matriz de pensamento “se preocupa essencialmente com o rigor epistemológico, promovendo a radicalização do projeto de análise crítica dos fundamentos e das condições de possibilidade do conhecimento” (Figueiredo, 2019, p.179).

A clínica que se apoia numa psicologia cientificista enxerga o homem como natural, tanto o seu corpo quanto o seu psiquismo, sendo o aspecto social apenas uma interferência externa. Seguindo um método das ciências naturais, essa clínica precisa desenvolver técnicas que permitam a intervenção e modificação do âmbito psíquico, bem como se colocar como um campo que consiga responder à demanda por resultados cientificamente verificáveis (Feijoo, 2004).

De outro modo, a clínica embasada na matriz compreensiva e, mais especificamente, inspirada na ontologia heideggeriana, se pauta numa *ação clínica* que visa possibilitar um espaço de abertura no qual o ser-ai possa encontrar outras possibilidades de existir dentro do seu próprio horizonte de sentido, que possa sair momentaneamente da prisão dos comportamentos sedimentados da impessoalidade. Nessa perspectiva, para além do psiquismo, não existe uma interioridade a ser restaurada, mas uma relação ser-ai/mundo que pode ter outras compreensões (Feijoo, 2011).

Nessa diferenciação, podemos pensar a clínica psicológica a partir de dois modos de se colocar no mundo: uma clínica técnica, que se utiliza de ferramentas para atingir um fim programado e uma clínica da *téchne*, poética, que se coloca enquanto abertura para que o existir humano se realize em suas possibilidades (Sodelli & Sodelli-Teodoro, 2011). Heidegger faz uma diferenciação entre técnica e *téchne*, sendo as duas formas próprias do criar humano, mas se referindo à primeira como técnica moderna, aquela que opera sobre os objetos com um fim programado e, a segunda, ao conceito de técnica utilizado pelos gregos antigos, que se referia ao fazer do artista ou do artesão, um fazer que “se deixa acontecer” frente à natureza (Feijoo, 2004).

No modo técnico de fazer e operar na clínica há um predomínio do pensamento calculante em detrimento do pensamento meditante. Na elaboração que faz sobre os dois tipos de pensamento, Heidegger (1955), não os diferencia com juízos de valor, pois ambos são necessários para o existir do homem no mundo. Essa diferenciação ressalta a forma como o homem se relaciona com o mundo: se ele o calcula e o utiliza como ferramenta, ou se ele medita e repousa em si, no que já é. Essa valorização do pensamento calculante na presente era, segundo o filósofo, nos faz “pobres-em-pensamentos”, nos afasta de um modo de pensar eminentemente criativo, nos torna estéreis, apenas repetindo fórmulas já conhecidas (Rafael, 2007).

É nesse contexto de valorização da técnica, que se insere, assim como as formações das demais perspectivas, a formação do psicólogo clínico fenomenológico-existencial. Seguindo as diretrizes que versam sobre os currículos dos cursos de graduação em psicologia, as formações precisam estar de acordo com um padrão do que deve ser apreendido e de como deve acontecer esse aprendizado. Reconhecer a importância dessas diretrizes não exclui a percepção de que esse delineamento deixa de fora, muitas vezes, os componentes vivenciais essenciais à formação fenomenológico-existencial. Assim, o que temos como respaldo para garantir a qualidade do curso, também pode ser o que perpetua a cristalização de valores e objetificação dos sentidos que ocorre na formação.

Doro (2017) faz uma relação entre os termos *formação* e *educação* que esclarece o componente singular da formação, o “algo a mais” para além do que *deve* ser aprendido. O termo *formação* é utilizado pelo autor como uma aproximação de *Bildung*, do alemão, e que não possui uma tradução exata em outras línguas. Em relação à educação, ele enfatiza o seu caráter ativo, como uma ação planejada com um fim e que se volta para o outro. Já o conceito de formação tem mais a ver com o resultado da ação da educação, é algo singular. Enquanto um cultivo de si, a formação necessita de alguma liberdade frente aos conceitos sedimentados trazidos em um processo educativo.

Em relação à liberdade junto aos conceitos, é importante ressaltar também a grande variedade de cursos e produções que levam o título de fenomenológico-existencial, mas que partem de diferentes bases epistemológicas e que possuem, ou não, certificações oficiais. Como então definir o que é fenomenológico-existencial e o que não é diante de toda essa variedade de formações? O que caracteriza essencialmente uma formação fenomenológico-existencial? É certo que o estudo de algum teórico da área se coloca como ponto central, a partir do qual as práticas vão se delineando. Mas para além de toda a teoria, o foco do trabalho foi no que acontece e como se desenvolve esse modo de ser que valoriza a existência acima da cristalização de ideias.

Para Dutra (2013), existem desafios na formação do psicólogo clínico de inspiração fenomenológico-existencial pois, após passar por uma formação toda voltada para uma psicologia técnica e cientificista, o aluno que escolhe o caminho da fenomenologia precisa desconstruir esse fazer técnico que aprendeu até ali. A ação clínica a ser aprendida na formação requer do terapeuta fenomenológico-existencial um modo de ser que se demore, permaneça nas coisas mais próximas, nos fenômenos que se desvelam no contexto clínico. Exige mesmo um *habitar* do terapeuta. Assim, voltando-se para a linguagem e analisando o termo, Heidegger (2012), em *Construir, Habitar, Pensar*, analisa que:

(...) da mesma maneira que a antiga palavra *bauen*, o antigo saxão “*wuon*”, o gótico “*wunian*” significam permanecer, “demorar-se”. O gótico “*wunian*” diz, porém, com clareza ainda maior, como se dá a experiência desse permanecer. *Wunian* diz: ser e estar apaziguado, ser e permanecer em paz. (Heidegger, 2012, pp. 128-129).

Habitar a clínica, nesse sentido, se refere a uma postura de se demorar naquilo que aparece. Entrar em contato com o sofrimento do outro parece jogar o terapeuta imediatamente nessa postura de buscar uma solução, mas se manter aberto ao que aparece e demorar-se nessa angústia é o caminho que pode levar às possibilidades que ali já se encontram, junto da vivência que se desvela. Ao ser convocado pelo discurso que parece ser superficial, a resposta apressada do terapeuta poderia manter a relação apenas numa esfera ôntica, na qual ele responderia prontamente através do pensamento calculante com uma solução ou uma técnica, mas enquanto terapeuta fenomenológico-existencial, ele é convidado a demorar-se e meditar naquilo que, à primeira vista, lhe parece corriqueiro ou mesmo banal. Não negando a técnica que também constitui o existir humano, mas dando-lhe o seu lugar e abrindo espaço para o pensamento meditativo.

A essa atitude de dizer sim e não simultaneamente ao mundo técnico e ao pensamento calculante, de ser livre, Heidegger (1955) chama de *serenidade*. Nas elaborações dessa noção em seus escritos *Serenidade e Para Discussão da Serenidade*, o filósofo segue um caminho de pensamento que não está ligado à vontade ou ao querer, que não se identifica com representações, mas que leva a uma atitude meditativa e não habitual, identificada por ele como serenidade (Saramago, 2008).

Para Lígia Saramago (2008), a serenidade não pode ser confundida com uma passividade ou permissividade. Apesar de depender de uma atitude de aguardar, a ação que aí acontece requer um “não esquecimento atento”. De acordo com a autora: “A serenidade envolve, pois, um aguardar, e mesmo se identifica a este. É um aguardar de uma natureza única, que implica uma espécie de abertura ao que quer que sobrevenha, de maneira livre e não direcionada para qualquer objeto” (Saramago, 2008, p. 164).

Portanto, *habitar serenamente a clínica* designa uma postura do terapeuta de se demorar frente àquilo que aparece, junto do fenômeno, aguardando de forma apaziguada, mesmo quando o que surge vem como um estranhamento ou angústia. Se refere a estar disponível, aberto e livre para o encontro do que quer que se desvele, mesmo que isso lhe retire de um lugar familiar e lhe lance na angústia do desconhecido. Habitar serenamente a clínica é colocar o próprio ser em jogo, é compreender que somos sempre estranhos a nós mesmos na dinâmica da existência e dar ao outro, ao cliente, a possibilidade de se ouvir e se cuidar na sua angústia frente à estranheza. É aguardar de forma apaziguada que se revele aquilo “a-se-pensar” cuidadosamente. Essa é a postura que permite ao cliente ter a possibilidade de meditar naquilo que o convoca, sem que o terapeuta se apresse em trazer soluções prontas e apressadas que acabam por encobrir ainda mais o que poderia se desvelar no encontro.

Entender que o fazer clínico fenomenológico-existencial pode ser pensado também como um modo de ser, implica que a experiência da formação não se limita ao aprendizado das habilidades que o terapeuta usa no encontro com o cliente, mas que a sua existência como um todo é marcada por esse modo. Assim, a pesquisa em que este artigo se baseia, teve como objetivo compreender a experiência da formação de psicólogos clínicos fenomenológico-existenciais. O projeto foi submetido ao Comitê de Ética da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) para avaliação dos aspectos ético-morais e possíveis riscos e benefícios do estudo e foi aprovada com o CAAE 29254919.1.0000.5537.

Método

Este artigo teve como base uma pesquisa qualitativa, com enfoque fenomenológico-existencial e que fez o uso da narrativa como forma de se aproximar da experiência foco do estudo, ou seja, o que acontece na formação dos terapeutas fenomenológico-existenciais para além do aprendizado teórico. Para a referida pesquisa, foi escolhida uma metodologia baseada na ontologia proposta por Heidegger, a fenomenologia hermenêutica, elaborada pelo autor a partir de uma apropriação da fenomenologia transcendental de Husserl em associação com o historicismo de Dilthey, unindo as exigências do conhecimento teórico com o aspecto fático-histórico, mas não se limitando aos contornos dessas teorias (Kahlmeyer-Mertens, 2015).

O modo heideggeriano de fazer filosofia se baseia numa “destruição”, que nada tem a ver com a aniquilação da tradição metafísica ou do valor do que já foi conquistado, mas com uma forma de remover o que está sedimentado nos conceitos fundamentais e dar lugar para as possibilidades que estão contidas neles. Através da destruição, há um retorno ao que há de originário velado nos sentidos (Dutra et al., 2018). Portanto, fazer pesquisa com inspiração na filosofia de Heidegger, requer destruir o que há de sedimentado no conceito mesmo de pesquisa, que surge no âmbito das ciências naturais e vem carregado de sentidos desse contexto.

Para Critelli (1996), toda investigação parte de uma compreensão do que é *ser*. Ou seja, existe sempre uma noção prévia, uma interpretação, acerca de ser que dirige a pesquisa. Ela nunca se dá em um vazio, um espaço neutro ou livre de noções prévias, portanto, a pesquisa de inspiração heideggeriana tem como característica o saber que, o que vem a ser conhecido, depende do que já é conhecido. Por isso é um tipo de pesquisa que se pauta no movimento mesmo do *vir-a-ser*; do existir.

A narrativa, escolhida como procedimento para a pesquisa se justifica pelo seu caráter experiencial e aberto, que permite ao colaborador da pesquisa dizer da sua experiência e, ao pesquisador, compreender e fazer parte do que vivencia junto ao colaborador (Dutra, 2002).

Embasada em Walter Benjamin (2012), esse tipo de narrativa é uma forma artesanal de comunicação. Diferentemente da informação, que é estéril e reduzida em significados, a narrativa é repleta de sentidos e valores que podem ser transmitidas a um ouvinte. Aquele que ouve, não apenas recebe uma informação, mas é convidado a participar também da experiência com a suas vivências e a sua interpretação (Dutra, 2002). A narrativa construída nesse contexto, e sob esta perspectiva, é uma cocriação, pois nela está impressa a marca do narrador e também a do pesquisador que se sensibiliza e acompanha o tecido da trama (Duarte, 2013).

A pergunta norteadora, sendo fiel ao caráter de abertura, se colocou como um convite para que o participante pudesse narrar *a sua experiência com a formação para ser um terapeuta fenomenológico-existencial*. As questões que, porventura, surgiram ao longo do encontro para escuta da narrativa, aconteceram a partir do que se desvelava na fala dos participantes.

A interpretação se dá em um movimento circular inspirado no círculo hermenêutico proposto por Heidegger para elucidar como acontece o movimento compreensivo próprio da existência. Ao propor a adaptação do círculo hermenêutico na pesquisa fenomenológica hermenêutica, Azevedo (2013) ressalta que o pesquisador já tem uma *posição prévia*, ou seja, ele já tem ideias acerca do fenômeno a ser abordado no estudo que vem da sua própria experiência, das suas leituras, do seu horizonte de sentidos e que constituiu a sua motivação de escolha do tema. Nos recortes da visão prévia, o pesquisador

tem a possibilidade de desvelar outros sentidos quando na relação com os colaboradores e suas narrativas. Nesse lugar, o pesquisador faz os recortes que considera significativos de acordo com o horizonte de possibilidades e vai delimitando um caminho de construção do conhecimento. O terceiro momento dessa circularidade compreensiva é o da *concepção prévia* e diz respeito aos sentidos que surgem da relação entre posição prévia e visão prévia. Sendo esse processo circular, ele se constitui sempre como provisório e fluido, pois os sentidos não se esgotam em si mesmos, mas se desvelam de acordo com o momento existencial (Azevedo, 2013).

As Participantes

Participaram da pesquisa quatro psicólogas, todas formadas em instituições públicas. Elas foram contactadas através da indicação de colegas e professores de uma pós-graduação em psicologia. Para manter o sigilo da pesquisa, as participantes receberam nomes fictícios.

Cecília foi a primeira entrevistada. Formada há cinco anos, ela realizou estágio e especialização na perspectiva fenomenológico-existencial, bem como mestrado na mesma área. Atua na clínica desde a sua formação. A segunda participante do estudo foi Clarice. Ela se formou em psicologia há seis anos em uma universidade de outro estado e atua na clínica desde a formatura. Também fez mestrado e especialização na mesma área. Em seguida tive o encontro com Sylvia, que se formou em psicologia aqui, no Rio Grande do Norte, há 14 anos, e vem atuando na clínica há 13. Ela também atua na formação de psicoterapeutas fenomenológico-existenciais. A última participante foi Virgínia. Sua formação em psicologia se deu há 10 anos, também aqui no estado, mas atua na clínica há apenas três anos. Seu trabalho na clínica se iniciou logo após a especialização em fenomenologia-existencial, mas seu percurso inclui também uma graduação em enfermagem, que cursou até a metade.

Resultados

Diante das narrativas, alguns temas se mostraram presentes em todas as falas, outros surgiram de forma singular, mas bastante significativa. É importante frisar que os temas não são categorias nas quais as narrativas se enquadram, eles surgem de forma diferente e se relacionam com os conteúdos também diversamente. O que importa nessa construção não é que os temas sejam correspondentes a todas as narrativas, mas que façam ressoar a significância que têm. Dessa forma, os temas que surgiram no processo de análise das narrativas, mesmo quando não trazem as falas de todas as participantes, conduzem a uma significação em comum: o modo do cultivo de si e da abertura.

O Encontro com a Perspectiva

De acordo com Sá et al. (2010), existe um desconforto nos estagiários que escolhem a perspectiva fenomenológico-existencial da clínica atribuído a uma deficiência curricular da maioria dos cursos, pois há poucas disciplinas que contemplam a abordagem. Mas, segundo os autores, não seria a acumulação de conhecimento teórico que lhes daria segurança ou amenizaria o desconforto. O essencial seria uma mudança de postura para privilegiar a compreensão experiencial da prática clínica, ou seja, para conhecer, seria necessário vivenciar.

Mas essa não foi a realidade de todas as participantes. Na verdade, três delas trouxeram essa transição de forma mais tranquila, como um encontro com algo que fazia sentido para suas existências. A fala de Cecília exemplifica essa vivência: “Aconteceu de forma bem natural. Por causa dos professores da faculdade. Eu nunca tive uma preocupação de ‘ah, que abordagem eu vou escolher?’” (Cecília).

De acordo com Duarte (2013), essa identificação inicial com os conteúdos e com o modo como os professores os mostram é um dos fatores importantes na escolha pela abordagem clínica que o aluno tem que fazer no momento do estágio e demonstra que ele está pessoalmente implicado no seu fazer, visto que escolher uma determinada forma de se colocar na clínica estampa as suas próprias vivências e a sua condição de ser-no-mundo.

Distintamente, o processo de Clarice mostrou a angústia que Sá et al. (2010) citam. Para ela houve um momento de sofrimento no final da graduação, no momento do estágio e da escolha pela prática clínica na Abordagem Centrada na Pessoa (ACP). Foi um período de transformação para Clarice:

(...) e aí foi um período muito sombrio assim, até porque eu fazia, a gente fazia supervisão, fazia terapia de grupo, que era a sensibilização, e eu chorava muito na sensibilização, eu me envolvi muito com a teoria com (...) Enfim, com tudo! Fez muito sentido para mim e também a terapia tava (...) Era a primeira vez que eu fazia terapia, então assim, fui e eu fiquei, como dizia uma amiga minha: “chagas abertas” assim, totalmente exposta, eu acho que foi aí o processo que, entre aspas, me formou, que me sensibilizou para a prática clínica, sabe? Porque eu estava num processo intenso comigo mesma, foi um encontro de fato,

mas foi muito difícil, assim, cheguei a praticamente (...) Cheguei a ter ideia suicida. Na época fiquei muito cansada também do curso, e, e (...) Estava muito (...) Estava exausta mesmo (...)

A relação com o Humanismo e a Abordagem Centrada na Pessoa foi presente nas falas das participantes. Para Frota (2012), essa aproximação da teoria rogeriana com a fenomenologia existencial é fruto de um movimento da Abordagem Centrada na Pessoa após a morte de Carl Rogers, para tentar ultrapassar algumas questões teóricas, principalmente a questão da individualidade. Apesar de não ter se proposto a construir uma teoria fenomenológica, Rogers teve alguma influência de autores fenomenológicos, mas foram os principais expoentes de sua abordagem no Brasil que, assim como Clarice aponta em sua fala, acabaram por se voltar ao estudo de filósofos fenomenólogos e existencialistas – como Husserl, Merleau-Ponty e Heidegger – na busca de dar suporte às suas práticas e, assim, a ACP foi se vinculando a essas fontes.

A identificação inicial com a ACP, para Clarice, se mostrou como um facilitador no contato com a ontologia heideggeriana, pois conseguia relacionar sua prática com o que já tinha tentado estudar anteriormente, mas não compreendia verdadeiramente por se sentir imatura, “muito verde ainda”, por não ter vivenciado como acontece a atitude fenomenológica, pois como bem coloca Jardim (2015), não se trata de uma apreensão de conteúdo ou de um significado, mas de uma permanência junto ao estudo e à vivência mesma.

O percurso de Virgínia, que também passou pelo Humanismo, seguiu por rumos diversos. Em sua busca por segurança na prática profissional, tentou encontrar na enfermagem um caminho que lhe proporcionasse um modo de cuidar mais “concreto”, pois, segundo ela, a psicologia tinha trazido muitas desconstruções. Sobre esse percurso de ter saído da psicologia para a enfermagem e retomado a psicologia sob uma perspectiva fenomenológico-existencial:

Foi interessante, né. Foi interessante ter algo mais concreto e ao mesmo tempo foi interessante ver que aquilo não era só (...) não era o único caminho, por exemplo, quando me dizia assim: “segure a mão do paciente que isso vai acalmá-lo”, a gente sabe que existem mil caminhos, pode ser que segurar, e se por exemplo ele for autista, né, pode ser que no momento ele fique muito assim, inquieto né... tem vários caminhos, nada é tão simples.

Enquanto psicólogos e enquanto existentes dessa época, o apelo ao tecnicismo é sempre presente. Quando fala sobre técnica e civilização técnica, Heidegger alerta para o perigo a que os homens estão entregues. Para ele, não são as máquinas em si, ou os aparelhos que ameaçam a humanidade, mas o dispositivo criado pelo homem para manter tudo sob controle, ao qual já está entregue, e que pode privá-lo do encontro com o mundo e com o desvelar da verdade originária (Safranski, 2005).

De acordo com Dutra (2019), com a popularização dos mal-estares atuais – tais como depressão, ansiedade e síndrome do pânico –, é comum que os clientes cheguem ao consultório com um diagnóstico pronto e à procura de uma solução. A marca de nosso tempo também vem impressa no encaminhamento comum do psiquiatra para uma Terapia Cognitiva-Comportamental, como a promessa de um processo rápido e eficiente. O psicólogo é solicitado a responder a essa demanda com eficiência, o que pode gerar no terapeuta fenomenológico-existencial o sentimento de “remar contra a maré” e de solidão, ou como no caso de Virgínia, de insegurança.

Estando junto a Virgínia durante a construção da narrativa e compartilhando a sua presença na ação, foi possível compreender a sua angústia em colocar limites no apelo tecnicista advindo de nosso tempo e como é através do ôntico que ela pode se abrir ao ontológico. Para Virgínia foram necessários esse percurso e essas vivências para que se sentisse mais segura na incerteza de um fazer sem réguas, para que se sentisse em casa, habitando sem pertencer, como ela afirma sobre o contato com a fenomenologia existencial: “(...) a perspectiva fenomenológica, ela vem como se fosse assim, estranhamente pra me dar firmeza, firmeza na insegurança, na insegurança do existir”.

Reconhecer o caráter de finitude e estranheza da vida através da fenomenologia existencial deu a Virgínia um modo de habitar que não se ancora nas certezas das técnicas, mas se abre para o desconhecido. Ao encontrar um modo de ser que não tenta resolver as incertezas próprias da vida, mas as acolhe, e que não sucumbe ao tecnicismo, mas sabe lhe dar o devido lugar, Virgínia conseguiu encontrar um caminho e perceber que não há como ter controle sobre a existência.

Todas as colaboradoras me trouxeram algo de seus percursos de formação e do momento da escolha por esse caminho. Suas narrativas mostraram suas singularidades e suas disposições nesse processo e ficou claro como esses aspectos são fundamentais para a própria escolha por esse modo de agir clínico.

Modo Fenomenológico-Existencial de Ser

Como ressalta Jardim (2015), a grande contribuição da fenomenologia para a prática clínica diz respeito à postura do terapeuta diante do fenômeno, daquilo que surge no contexto clínico. Mas a formação, nesse sentido de desenvolver uma atitude e de cultivo de si, não se restringe ao campo profissional e ao momento do encontro do terapeuta com o cliente. Assim

como as vivências pessoais e a disposição afetiva estão impressas na escolha profissional, também a prática do encontro na clínica e da atitude fenomenológica se imprimem em outras situações existenciais para além da clínica.

Sylvia traz em sua fala um modo de ser mais flexível na relação com o outro e consigo mesma que foi desenvolvido na formação, mas que ultrapassa o lugar de habilidade profissional:

Acho que é uma forma de pensar que me ajuda em todos os âmbitos, me ajuda a ser mãe, me ajuda a ser professora, a ser supervisora né, porque essa forma de ver caminha assim, eu sinto que sou uma pessoa mais flexível em função dessa forma de olhar, ela exige isso da gente, uma flexibilidade, né, se você é muito rígido, controlador... embora eu tenha essas características de querer as coisas na minha hora, de ser controladora e tal (...) Mas eu acho que essa perspectiva ajuda muito a gente a ir né (...) a tentar (...) por que eu acho que isso não é uma característica que é só minha, é de uma geração (...)

Ela reconhece uma tendência a se ater em um modo de ser “controladora”, um modo que acompanha a sua geração, o seu tempo. Há um distanciamento do caráter finito e imprevisível da vida através da técnica, que o homem pensa poder utilizar, controlar, mas que acaba por ser controlado por ela. Esse é o perigo para o qual Heidegger (2018) alerta: sucumbir à técnica, ao pensamento calculante e, assim, tornar o habitar do homem sem poesia.

Assim, Sylvia traz em sua fala a fenomenologia existencial como algo que lhe traz a medida para não sucumbir ao modo controlador que o mundo exige na maior parte do tempo. A partir da vivência de um modo de ser que foi proporcionado pela formação, ela consegue “ser mais flexível”, ser mais aberta aos sentidos que encontra em suas diversas *ocupações*, e transformar essas atividades cotidianas em situações nas quais o ser pode se desvelar.

Muito se fala do que pode acontecer com o cliente, da possibilidade de mudança que para ele se apresenta e dos “benefícios da terapia”, mas pouco se fala do que esse processo representa também para o terapeuta, afinal ele não é um mero instrumento que aplica soluções e sai ileso do encontro. As mudanças que acontecem nas existências dos terapeutas são também significativas. Cada uma das participantes, à sua maneira, conta dessas transformações. Assim, Clarice traz em sua narrativa o encontro com um modo de ser na clínica que contemplava suas próprias questões quanto ao seu modo de ser na relação com o mundo:

Parece um pouco clichê, mas, foi onde eu senti que eu tinha espaço para ser quem eu era, porque era inclusive uma das coisas, uma das minhas questões em terapia, quando eu comecei a fazer terapia eu tinha muito isso, eu não me sentia no lugar, eu não me sentia alguém no mundo, porque eu era muito sensível, porque eu era muito aberta. (...) e eu me lembro que eu sofria muito porque tinha medo de tudo dar errado e eu não ter apoio, porque eu era teimosa, eu me achava muito teimosa. Só que a clínica nessa perspectiva foi me mostrando que de fato eu poderia explorar essas possibilidades, não exatamente teimosa, no mau sentido, que de fato tinha possibilidades de explorar quem eu era, o modo que eu via o mundo.

O que fica claro na narrativa de Clarice é que ela encontrou na fenomenologia hermenêutica heideggeriana um lugar que lhe cabia, um lugar em que podia ser do jeito que fazia sentido para ela existir. O seu modo de ser livre e questionadora, teimosa, passou a ser aceito por ela mesma e, conseqüentemente, por seus familiares, posteriormente. Todo o processo narrado por ela, passando por seu percurso na graduação, sua terapia, o estágio e as vivências da época, apontam para uma singularização do ser-aí.

Casanova (2015) coloca que o ser-aí tem dois modos de ser o aí. No primeiro deles, o qual nos encontramos na maior parte do tempo, simplesmente existimos de acordo com as referências que já conhecemos, repetindo as possibilidades do mundo fático. Nesse modo, Clarice traz a sua angústia ao tentar se encaixar nas possibilidades do mundo que lhe foi dado e no qual não conseguia criar algo que fizesse sentido para sua existência. A existência que apenas rearticula arranjos sedimentados não dá espaço para o *poder-ser* mais próprio do *ser-aí*.

No outro modo de existir, o ser-aí jogado no mundo se rearticula com a facticidade de outra forma, uma forma inaugural e singular. Ao se assumir como ser-aí lançado, ele não cria novos significados, pois estes sempre provêm do mundo, mas rearticula tudo aquilo que herdou e escolhe uma nova forma de ser. Esse processo é possibilitado pela angústia, muito presente na fala de Clarice. Para Heidegger (2015), o mundo se abre como mundo para o ser-aí a partir do angustiar-se e remete ao seu próprio ser-no-mundo. Pensando assim, a narrativa de Clarice nos conta de um processo de angústia por não encontrar sentido em seu modo de ser e de uma rearticulação que permitiu a ela se ver como uma existência potente.

As participantes trouxeram as transformações porque passaram a partir da formação de terapeuta fenomenológico-existencial, mas que surtiram efeitos em outras áreas de suas vidas. O que elas aprenderam e desenvolveram como algo necessário ao fazer clínico transbordou as fronteiras do trabalho e se infiltrou também em suas existências. O fazer clínico numa perspectiva fenomenológico-existencial é estar, constantemente, com a própria existência em risco. Não há como entrar na água e não se molhar, não há como colocar a existência em risco e sair o mesmo.

Um Fazer Artesanal

O modo de ser que habita serenamente a clínica se mostra essencial numa clínica que preza pela singularidade existencial de cada cliente. Dessa forma, Sapienza (2004) destaca a importância de o terapeuta não assumir uma postura de responder apressadamente, trazendo fórmulas estereotipadas que “valem para qualquer paciente e não valem propriamente para nenhum” (Sapienza, 2004, p. 38). Para a autora, a fenomenologia não pode ser apressada e a psicoterapia deve ser um trabalho artesanal, feito por terapeuta e clientes, juntos.

Dutra (2019) ressalta o caminho do pensamento indicado por Heidegger como uma alternativa à supremacia da técnica na clínica. A autora aponta para a reflexão e para a serenidade, para o dizer *sim* e *não* simultaneamente à técnica, ou seja, dar a ela o seu lugar e deixar também o espaço para o que possa surgir no encontro.

Nesse sentido, Cecília ressalta esse aspecto em sua narrativa como sendo uma das características importantes da clínica fenomenológico-existencial:

Acho que legitima esse modo de fazer terapia artesanal, como algo construído com a pessoa e que meus elementos vão estar ali junto dos elementos da pessoa (...) é (...) da criatividade, do que eu consigo ser mais empática, das questões, de como elas me afetam, do que me salta primeiro quando eu escuto alguém, que vai ser diferente do que outra pessoa escutaria (...) Essa abordagem legitima que o fazer terapêutico seja artesanal, né. Então isso acaba dando lugar pra gente usar dos nossos recursos pessoais. De criatividade, por exemplo.

Além de destacar o fazer como único a cada encontro, ver a terapia como um fazer artesanal também coloca terapeuta e cliente como artesãos, como aqueles que produzem uma obra que diz de si mesmo, de suas existências e do ser. Mas o que é o artesão ou artista? E como o seu ofício se relaciona com o fazer do terapeuta fenomenológico-existencial? Para Seibt (2008, p. 190), o artista “cria algo que não havia”. Nesse sentido, a arte não se define como representativa ou simbólica, mas como a própria realização do ser. A obra de arte não é correspondente de uma realidade, mas a própria instauração da verdade e, sendo assim, o artista é aquele que é a abertura fundamental para que a obra se torne obra, para que venha a existir enquanto ente. Esse fazer que se coloca como uma abertura, que aguarda o “a se fazer” se desvelar, também se aplica ao modo de ação do terapeuta fenomenológico-existencial.

A criatividade e liberdade a que se refere Cecília se relacionam diretamente com a *téchne*. A técnica, quando entendida como *téchne*, assume o seu sentido originário, do grego, de *levar à frente*, ou seja, de mostrar algo que estava velado, de desvelar. Apenas através do pensamento meditante, do apaziguamento frente àquilo que lhe solicita, o terapeuta pode agir no modo da *poiesis*, da criação livre dos pressupostos da tradição e tematizar aquilo que do ser para ele se desvela.

Heidegger (1955, p.10), no início do discurso comemorativo que culminou na publicação de *Serenidade*, coloca que “a presença do mestre *na obra* é a única que é autêntica”. Assim que podemos enxergar cada sessão, como uma obra a ser produzida por dois artesãos, que são únicos e se encontram naquela produção, naquela ação. Isso é sinalizado por Clarice:

Com mais experiência, de quanto mais você trabalha com a clínica, mais você não se aproxima de nenhuma técnica em específico, pois é seu modo de ser que vai conduzir essa prática. Então, o que eu diria a você agora, como uma intervenção, não seria necessariamente o que outra pessoa diria, da mesma perspectiva da fenomenologia. Então assim, são as minhas afetações, os meus modos.

Não existe um modo específico de lidar com o cliente que possa ser compartilhado por diferentes terapeutas, por mais que possam compartilhar de uma base de conhecimentos em comum ou mesmo as experiências vividas nas sessões, o modo como cada um se coloca nesse lugar, como habita a clínica, vai além desse embasamento teórico e traz muito das afetações, da disposição e da abertura de cada um. Do mesmo modo que o artista tem o seu estilo de criar, o terapeuta tem o seu estilo de ser terapeuta e se fazer presente no encontro com os clientes.

É importante ressaltar que essa singularidade e esse “si-mesmo” não correspondem a uma interioridade encapsulada, a uma subjetividade individual separada do mundo, mas se referem ao *Dasein*, ao *ser-no-mundo*. Tudo aquilo que aparece, tanto na obra de arte quanto numa narrativa na sessão de terapia, diz daquele que cria e de seu mundo. Portanto, os modos singulares que são trazidos por Clarice não falam de um isolamento ou retirada do mundo, mas de um repouso exatamente no *aí*, para que a partir disso possa se criar algo autêntico.

A narrativa que se produz no encontro não é uma mera colcha de retalhos, uma costura de coisas do terapeuta e do cliente, mas um acordo, uma linguagem comum, que mostra os dois horizontes de forma nova e única e que possibilita o alargamento de seus campos de visão. A posição prévia, visão prévia e concepção prévia se atualizam para terapeuta e cliente.

A conversação fundada no encontro dos horizontes foge da lógica calculante da linguagem usual e prática, se movimenta à margem, na linguagem poética, no âmbito do pensamento meditativo e se aproxima da obra de arte que, para Heidegger (1977, p. 35): “... instala um mundo. A obra mantém aberto o aberto do mundo”. É um novo horizonte que se coloca como possibilidade tanto na obra de arte quanto na narrativa criada durante o processo terapêutico.

A Linguagem Poética da Fenomenologia

Ao contrário da concepção usual de que o homem possui a linguagem e a utiliza para se comunicar, na concepção de Heidegger (2010), é a linguagem que possui o homem. Ao considerar *logos* como *ratio*, a tradição metafísica colocou a linguagem como uma faculdade humana, algo que o homem utiliza como uma ferramenta e que lhe pertence (Cordeiro, 2015). Nesse sentido, ela é apenas um enunciado e nela não reside o ser. Seu dizer é técnico e funcional. Essa é, muitas vezes, a linguagem das formações e se coloca, sobremaneira, na academia.

O problema que se apresenta com esse tipo de linguagem para uma formação fenomenológico-existencial é justamente o seu caráter de *pronto, já dado*, onde nada resta a se criar. Ora, se o que se busca é inaugurar, a cada encontro na clínica, uma narrativa e um olhar singular, não faz sentido se prender numa ferramenta que permite apenas representar sentidos dados anteriormente.

Para que o ser possa se instaurar pelas palavras, é preciso que a linguagem esteja na dimensão *poética*. Não se trata aqui da poesia enquanto forma literária, jogo de palavras, mas da poesia enquanto *poiesis*, que diz respeito ao criar algo. É quando o ser se desvela e se oculta na palavra. Portanto, a linguagem poética se refere, aqui, a uma linguagem que, ao abdicar da pressa, do cálculo e das regras precedentes, concede a abertura para que o ser *fale*, crie e se instaure.

Pensando esse aspecto da linguagem em relação à formação do terapeuta fenomenológico-existencial e do habitar que acontece em seu fazer na clínica, o poético é essencial, pois é poeticamente que o homem deve corresponder ao apelo do ser. Assim que, uma formação em clínica fenomenológico-existencial deve ter espaço para uma linguagem poética e Cecília apontou nessa direção em sua narrativa. De acordo com ela, acessar certos conteúdos pela poesia era um complemento para o estudo das teorias mais rígidas:

As vezes a gente vai estudar uma ideia de Heidegger e, sei lá, Cecília Meireles fala isso num poema. Então a gente usava muita literatura. (...) Porque o que a gente tá falando não é estranho a qualquer expressão que já existe, não.

Prado et al. (2012) fazem uma aproximação da clínica fenomenológico-existencial com a imaginação poética e criadora de Gaston Bachelard e se perguntam se o método científico deveria ter exclusividade enquanto referência para desenvolver a compreensão do psicólogo na formação. Qual seria o papel da poética e da filosofia enquanto referências? Para os autores, a clínica desse modo, ao romper com a linguagem categorial e conceitual, se aproxima de um fazer poético que permite a manifestação dos modos de *ser-no-mundo*.

Ainda em sintonia com a fala de Cecília, Prado et al. (2012, p. 222) afirmam que “a imagem poética tem sentido ontológico e é apreendida pelo leitor acompanhada pelo sentimento de pertencimento”. A linguagem poética permite o habitar, o permanecer apaziguado, mesmo que no estranhamento que a finitude nos impõe. Permite que aquilo que é instaurado pela palavra se torne também pertencente ao interlocutor, como se ele pudesse ter criado. Não é estranho à sua existência. Assim, quando Cecília nos fala que o que Heidegger escreveu também está num poema de Cecília Meireles e que, por isso, esse tipo de literatura foi muito presente em sua formação, ela aponta para esse pertencimento que acontece com a poesia, mas que se faz mais difícil nas teorias.

A linguagem poética se faz essencial tanto na formação quanto na própria prática clínica, no encontro do terapeuta com os clientes. Estar em contato com essa dimensão durante a formação abre a possibilidade da vivência do *vir-a-ser*, da afinação com o aceno do ser e da experiência com a essência da linguagem. Permite ao terapeuta uma verdadeira conversação na relação com o cliente. É preciso afastar o domínio da técnica e o desejo de adequação do discurso para dar espaço ao inesperado que se revela na linguagem. Assim, a poesia se faz importante na formação, não apenas como um recurso, pois isso lhe retiraria da dimensão poética, mas como um convite a se colocar a caminho da linguagem, um convite a se permitir colocar de lado as expectativas de resultado e as teorias, e permanecer apaziguado junto ao que lhe aparece.

“Pôr o Filosofar em Curso”

De acordo com Heidegger (2009, p. 4), “ser homem já significa filosofar”. Com isso ele não quer dizer a filosofia escolástica, o conhecer a história da filosofia e seus conceitos, o articular dos conceitos e formar teorias, mas se refere a deixar o filosofar acontecer no ser-aí, “pôr o filosofar em curso”. Com essa metáfora, o autor se refere a um caminho para o pensar filosófico próprio do *Dasein* (Gusmão, 2014).

Para a formação fenomenológico-existencial é essencial o estudo da filosofia que está na base de suas práticas, mas não é apenas esse conhecimento que faz brotar a ação clínica. É necessário permitir que o filosofar aconteça.

Em seu escrito *Qu'est-ce que la Philosophie* (Heidegger, 1999), Heidegger toma para si a tarefa de entrar no âmbito da ação filosófica. Sua intenção em responder “que é isto – a filosofia?” não se dirige a dizer *sobre* a disciplina, mas de adentrar o seu próprio fazer, ou seja, filosofar na filosofia. Assim como acontece com a poesia, também pode ser pela filosofia que o mundo e a verdade aparecem, pois também assume o diálogo com o ser dos entes. De acordo com Bornheim (1972, p. 115), “a filosofia e a poesia constituem a memória original do mundo e da realidade”. Mas para que assim seja, para que o ser possa se desvelar, assim como na arte e na poesia, é necessário a paciência, a permanência junto e a liberdade na linguagem, saindo dos moldes da filosofia escolástica e de seus métodos.

Se o filosofar que aqui tratamos é um diálogo que corresponde ao apelo do ser, e se não é através do estudo tradicional da filosofia que chegamos a esse corresponder, de que *serve*, então se debruçar nas teorias filosóficas para a formação fenomenológico-existencial? Bem, de acordo com Heidegger (1999), esse modo de filosofar não exclui o estudo dos enunciados históricos produzidos sob o título de filosofia, mas se trata de se apropriar e transformar aquilo que foi transmitido pelo enunciado.

Dessa forma, o estudo da filosofia se faz importante na formação enquanto possibilidade de que, ao verdadeiramente ouvir, aquilo que inspira possa ser correspondido. Não se trata de uma mera acumulação de conceitos e teorias, mas o desenvolvimento de uma capacidade para *falar* com os filósofos. Sylvia traz em sua narrativa a importância que o estudo da filosofia tem em sua prática:

(...) eu acho que é o que a filosofia faz, ela ajuda nesse exercício de parar: “perai”, eu preciso parar para ver se eu realmente tô vivendo as coisas, se o que eu faço tem sentido, né. Na própria forma de conduzir a terapia a gente trabalha nesse caminho da pessoa rever essa história dela e ver se as coisas estão caminhando, e o que dali faz ela sofrer, então é muito no sentido de ir tematizando. (...) Então acho que ajuda nesse aspecto de você precisar voltar, de você precisar fazer esse exercício contemplativo mesmo, e não é fácil diante do que está havendo, das pressões, de tudo. (...) No meu caso específico acho que, assim, o fato de ter estudado tanto e ter lido tanto sobre isso, já me faz ficar mais atenta.

Logo no início ela fala da relação que tem com a filosofia e o que o estudo lhe provoca: o exercício de ouvir, de se ater aos sentidos que surgem. Nesse caso, ela fala de olhar para sua própria existência em correspondência aos sentidos que encontra. Quando se apropria daquilo que lhe convoca, pode encontrar novas possibilidades para a sua existência.

Sylvia reconhece a dificuldade do exercício contemplativo, tão necessário à prática clínica, diante do contexto histórico em que vivemos. A pressão que recai sobre o psicólogo, quando se espera que ele remova o sofrimento do cliente o mais rápido possível, pode acabar por lhe fazer sucumbir e assumir um modo de ser que responda a essa demanda. Assim, o estudo da filosofia, aos moldes de uma filosofia heideggeriana, representa para ela, um modo de se manter ou voltar a ser a abertura necessária no encontro com o cliente, bem como em sua existência para além da clínica. O que ela faz a partir do estudo é “pôr o filosofar em curso”, é corresponder àquilo que lhe dizem os filósofos, falar sua linguagem.

Considerações Finais

Este trabalho contribuiu para a compreensão de alguns aspectos da formação do terapeuta fenomenológico-existencial, mas não se pretendeu atingir a verdade final sobre essas formações, visto que o que temos acesso são as vivências e narrativas de quatro colaboradoras. Sendo assim, reconhecemos a importância de se aprofundar o tema e a escuta das vivências dos que atuam e atualizam as formações, suscitando, assim, que outros estudos acerca desta temática continuem sendo realizados.

Pensando a formação a partir do que foi tematizado pelas colaboradoras acerca de suas vivências nos cursos de graduação e pós-graduação, foi possível perceber que, principalmente nos cursos de graduação, houve uma concordância quanto à deficiência dos currículos no que tange à fenomenologia existencial. Aprender fenomenologia é algo que só se dá na práxis compreensiva da facticidade. Assim, mesmo com a deficiência teórica inicial, foi no agir fenomenológico proporcionado pelos estágios, formação posterior e pela prática clínica que encontraram modos de ser afinados com a fenomenologia existencial e com suas próprias existências. Cada uma delas trouxe sua vivência e foi possível compreender que o percurso singular que cada terapeuta constrói, a partir do seu mundo e de suas afetações, se coloca como fundamental para o modo clínico dessa perspectiva.

Também ficou claro que a experiência da formação representou mais do que o aprendizado de uma profissão. Seus modos de *ser-no-mundo* também se transformaram em afinação com o modo fenomenológico, com um habitar sereno para além da clínica. A partir dessa tematização, percebe-se que o processo terapêutico não toca apenas a existência do cliente, mas na relação com ele, o terapeuta também tem os seus horizontes atualizados.

Ao se voltar para a singularidade do terapeuta, o que apareceu foi o caráter artesanal do processo psicoterápico. Nas falas das participantes, o seu ofício se mostra como próximo do trabalho do artista ou artesão, que ao iniciar uma obra, não sabe qual o seu fim, tampouco sabe exatamente quais caminhos deve tomar, mas imprime sua existência singular em sua ação. A feitura da obra vai se dando no seu fazer, bem como a sessão vai se fazendo com o que surge a cada momento, a partir do inesperado. Para o terapeuta fenomenológico-existencial que valoriza a experiência singular e o encontro com o cliente, o demorar-se no que surge é essencial para verdadeiramente ouvir e corresponder àquilo que lhe toca. Escolher esse caminho, não é, entretanto, uma negação da técnica ou do tempo presente, mas o modo da *serenidade* de saber dizer sim e não simultaneamente à técnica. Desse modo, para que o terapeuta possa assumir o caráter artesanal da psicoterapia, precisa saber colocar a técnica em seus limites e aproximar o seu fazer da *téchne*, ou seja, um fazer que se desvela no próprio acontecimento.

Quando criam juntos, terapeuta e cliente, se encontram na linguagem. Pensar a linguagem a partir da ontologia heideggeriana é abrir o campo da linguagem poética e sair do domínio da linguagem instrumental, simbólica e pragmática. Para Heidegger (2003, p. 127), “a linguagem é a casa do ser”, pois é pela palavra que o ser se torna ente.

A poesia se fez presente no trabalho como um modo de compreender a própria ontologia heideggeriana, pois aquilo que está nas palavras de Heidegger pode estar também na poética da poesia. O modo como Heidegger se afasta da tradição metafísica da filosofia e se aproxima do poético em sua escrita, permite ao interlocutor uma verdadeira conversação. Diante disso, as participantes também trouxeram, em suas narrativas, a filosofia como a abertura ao aceno do ser e sua instauração. Arte, poesia e filosofia se colocam, então, como modos de presença, de compreensão e de tematização daquilo que é essencial ao existir humano, o sentido de ser.

Para além de aprender todas as teorias e técnicas, a formação do terapeuta fenomenológico-existencial se mostra como um cultivo de si, o cultivo do modo de ser que habita poeticamente e que é serenidade. Diante da urgência da nossa era, pensar a formação e a clínica como espaços de possibilidade para o demorar-se, para a meditação, é pensar numa clínica que reconduz à *humanidade*, ou seja, propor um espaço que possibilita o retorno ao *poder-ser* que caracteriza fundamentalmente sua existência.

Referências

- Azevedo, A. K. S. (2013). Não há você sem mim: Histórias de mulheres sobreviventes de uma tentativa de homicídio. Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. UFRN. [Link](#)
- Benjamin, W. (2012). *Magia e técnica, arte e política: Ensaio sobre literatura e história da cultura*. Brasiliense.
- Bornheim, G. (1972). *Metafísica e finitude*. Movimento.
- Casanova, M. A. (2015). *Compreender Heidegger*. Vozes.
- Cordeiro, R. (2015). Linguagem e poesia como escuta no pensamento de Heidegger. *Aufklärung: Journal of Philosophy*, 2(2), 163-184. [Link](#)
- Critelli, D. M. (1996). *Analítica do sentido: Uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica*. Brasiliense.
- Doro, M. J. (2017). Socialização, individuação e singularização em Heidegger: Aproximações com o campo educacional. *Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação - RESAFE*, 28(2), 65-81. [Link](#)
- Duarte, A. R. N. (2013). *Reflexões sobre a formação clínica fenomenológico-existencial na era da técnica* Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. [Link](#)
- Dutra, E. (2002). A narrativa como uma técnica de pesquisa fenomenológica. *Estudos de Psicologia*, 7(2), 371-378. [Link](#)
- Dutra, E. (2013). Formação do psicólogo clínico na perspectiva fenomenológico existencial: Dilemas e desafios em tempos de técnicas. *Revista da Abordagem Gestáltica – Phenomenological Studies – XIX(2):205-211*. [Link](#)
- Dutra, E. (2019). Daseinsanálise nos dias atuais: Reinventando a clínica psicológica na era da técnica. In: A. M. L. C. Feijoo & M. B. M. Fernandes (Orgs.), *Daseinsanálise: Hoje*. Edições IFEN.

- Dutra, E. M. S., Feijoo, A. M. L. C., Frota, A. M. M. C., Sá, R. N. & Gemino, A. M. (2018). Sobre as relações entre o pensamento de Heidegger e as práticas psicológicas clínicas. In: A. E. A. Antúnez & G. Safra (Eds.), *Psicologia Clínica da graduação à pós-graduação*. Atheneu.
- Feijoo, A. M. L. C. (2004). A psicologia clínica: Técnica e Téchne. *Psicologia em Estudo*, 9(1), 87-93. DOI: 10.1590/S1413-73722004000100011
- Feijoo, A. M. L. C. (2011). *A existência para além do sujeito*. Edições IFEN.
- Figueiredo, L. C. (2019). *Matrizes do pensamento psicológico*. Vozes.
- Frota, A. M. M. C. (2012). Origens e destinos da abordagem centrada na pessoa no cenário brasileiro contemporâneo: Reflexões preliminares. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 18(2), 168-178. Link
- Gusmão, J. L. D. O. (2014). Pôr o filosofar em curso: Introdução à filosofia segundo Martin Heidegger Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Sergipe.
- Heidegger, M. (1955). *Serenidade*. Instituto Piaget.
- Heidegger, M. (1977). *A origem da obra de arte*. Edições 70.
- Heidegger, M. (1999). Qu'est-ce que la philosophie. In: Os pensadores - Heidegger. Editora Nova Cultural.
- Heidegger, M. (2003). *A caminho da linguagem*. Vozes, Editora Universitária São Francisco.
- Heidegger, M. (2009). *Introdução à filosofia*. Editora Martins Fontes.
- Heidegger, M. (2010). *Carta sobre o humanismo*. Centauro.
- Heidegger, M. (2012). Construir, habitar, pensar. In: M. Heidegger, *Ensaio e Conferências* (8 Ed., pp. 125 – 142). Vozes.
- Heidegger, M. (2015). *Ser e tempo*. Vozes, Editora Universitária São Francisco.
- Heidegger, M. (2018). *Ensaio e conferências*. Vozes, Editora Universitária São Francisco.
- Jardim, L. E. F. (2015). Ação e compreensão na clínica fenomenológica existencial. In P. E. R. A. Evangelista (Org.), *Psicologia fenomenológico-existencial - Possibilidades da atitude clínica fenomenológica* (pp. 47-77). Via Verita.
- Kahlmeyer-Mertens, R. S. (2015). Hermenêutica da facticidade: Contraprojeto à fenomenologia transcendental? In: D. Ferrer & L. Utteich (Orgs.), *A Filosofia transcendental e a sua crítica* (pp. 235-257). Pombalina, Coimbra University Press.
- Prado, R. A. A., Caldas, M. T., Efken, K. H., & Barreto, C. L. B. T. (2012). Linguagem poética e clínica fenomenológica existencial: Aproximações a partir de Gaston Bachelard. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 18(2), 216-233. Link
- Rafael, M. A. (2007). A questão da tecnologia no pensamento de Martin Heidegger ou uma possível leitura da conferência “Serenidade” (1959). *Existência e Arte-Revista Eletrônica do Grupo PET-Ciências Humanas, Estética e Artes*, 3(3), 1-10. Link
- Sá, R. N., Junior, O. A., & Leite, T. L. (2010). Reflexões fenomenológicas sobre a experiência de estágio e supervisão clínica em um serviço de psicologia aplicada universitário. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 16(2), 135-140. Link
- Safranski, R. (2005). *Heidegger, um mestre da Alemanha entre o bem e o mal*. Geração Editorial.

- Saramago, L. (2008). Sobre a serenidade em Heidegger: Uma reflexão sobre os caminhos do pensamento. *APRENDER-Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação*, 1(10), 159-176. Link
- Sapienza, B. T. (2004). *Conversa sobre terapia*. EDUC, Paulus.
- Seibt, C. L. (2008). Heidegger: A obra de arte como acontecimento da verdade. *Acta Scientiarum. Human and Social Sciences*, 30(2), 189-196. DOI: 10.4025/actascihumansoc.v30i2.3484
- Sodelli, M., & Sodelli-Teodoro, A. (2011). Visitando os “Seminários de Zollikon”: Novos fundamentos para a psicoterapia fenomenológica. *Psicologia em Revista*, 20(2), 245-272. Link

Como Citar:

Guimarães, F. C. L., Dutra, E., & Azevedo, A. K. S. (2023). A Formação do Psicólogo Clínico Fenomenológico-Existencial: Cultivo de Um Modo de Ser-no-Mundo. *Revista Subjetividades*, 23(1), e13080. <https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v23i1.e13080>

Endereço para correspondência

Firmiana Correia Lima Guimarães
E-mail: firmianaguimaraes@gmail.com

Elza Dutra
E-mail: elzadutra.rn@gmail.com

Ana Karina Silva Azevedo
E-mail: anakarinaazevedo@hotmail.com

Recebido: 02.09.2021
Revisado: 22.08.2022
Aceito: 25.09.2022
Publicado: 10.10.2023